

Quais os objetivos da educação?

Pensando os destinos para transformar os caminhos.

Melina de Andrade Aragão, estudante do curso de Psicologia, da Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

Resumo:

As práticas educativas acompanham o desenrolar social, elas espelham a forma como a sociedade reconhece as questões acerca da possibilidade do conhecimento do mundo, a função desse conhecimento e o posicionamento do conhecedor. Não podemos, portanto, pensar a educação solta de seu contexto sócio-político-cultural, no sentido de que se movimentam de forma dialógica e processual.

A cultura é devir, a sociedade está em constante construção e desconstrução de valores e saberes. Nesse sentido não se pode falar em educação instituída como transcendente ou eficaz, mas de um movimento que está em vias de se construir.

Esse trabalho foi pensado em confluência com as novas propostas de educação e nesse primeiro momento, tem como foco, uma breve apresentação do estudo tradicional, concentrando atenção principalmente sobre os objetivos. Quais são os reais objetivos da escola tradicional? De que maneira ela busca alcançar tais objetivos? Qual sua visão de homem? E de saber? Considera-se de intrínseca importância levantarmos essas indagações porque estão justamente na base de sustentação dos métodos, teorias e práticas educacionais.

A educação serve à sociedade, em um movimento que se torna impreciso dizer quem determina quem por que é nesse “servir” que os caminhos que estabelecemos para educar mantêm o status quo, que, por sua vez, forma os futuros educadores. A maneira como a humanidade segue no percurso da história é também um reflexo dessa transmissão de saber e valores. A escola reproduz os caminhos que culturalmente uma sociedade adota no sentido de repassar, conservar ou transformar valores e saberes; é nesse lugar de aluno que as crianças assumirão seus primeiros papéis sociais no mundo externo à família e onde elas estabelecerão uma forma de pensar independente, visto que se faz possível desamarrear-se da posição que ocupa na dinâmica familiar e passar a construir uma identidade autônoma.

A partir disso, se faz de suma importância questionarmos a educação considerando a perspectiva que permeia esse saber, encarando as formas de poder que atravessam essas práticas. Repensar a lógica que guia a maneira de abordar questões acerca do poder, da política, da história e do conhecimento é o primeiro passo para que seja possível construir uma educação contextualizada, atual e complexa. De forma a valorizar o pensamento generalista a fim de construir o sentimento de responsabilidade planetária e reconhecer as infindáveis esferas que permeiam o ser humano.

Palavras –chave: Educação Planetária, Responsabilidade, Objetivos.

Desenvolvimento:

As instituições de ensino, assim como as grandes instituições da cultura ocidental, se vêem num constante dilema histórico entre manter sua ideologia capitalista ou acompanhar sem grandes alardes o desenrolar dos acontecimentos sociais. A escola tradicional ou, como diria Paulo Freire (2008), bancária, tem passado, nesses últimos anos por incontáveis críticas e desconstruções. Apesar disso, mantém resistência à mudança, porque originalmente, esse é o lugar da reprodução e, portanto, da conservação da cultura *formal*. Uma profunda transformação não é tão simples quanto pode parecer nos estudos teóricos, é preciso realizar um deslocamento de paradigma. Dessa forma, não nos limitamos no questionamento à simples prática pedagógica ou da Psicologia Escolar, queremos nos remeter essencialmente à base, aos objetivos da educação, uma nova visão de homem, de saber, de política e de compromisso social.

Seymour Papert, (1994), trata das novas perspectivas às quais a escola não pode mais se furtar. Com o advento dos computadores e vídeo games é imprescindível que repensemos o que compreendemos enquanto saber. Afirma que a capacidade de um ser vivo ou mesmo de uma sociedade inteira de sobreviver às adversidades através da história é diretamente proporcional à sua capacidade de aprender e de se adaptar. Aponta a contemporaneidade como um momento crítico porque cada vez mais a rapidez das mudanças tecnológicas, políticas e culturais exigem da sociedade uma capacidade adaptativa e de aprendizado eficiente e flexível. Fala especialmente de duas tendências mundiais: a de uma mudança tecnológica, em função do acelerado desenvolvimento de computadores, meios de comunicação, além das nanotecnologias e de uma mudança epistemológica, uma mudança de pensamento acerca do conhecimento que está, segundo o autor, completamente imbricada na primeira tendência.

Esse autor questiona a escola tradicional e aponta uma deficiência aguda na capacidade de mudar e adaptar-se à dinâmica atual. Considera que os fracassos anteriores de tentativas de mudança na prática educacional reforçam o argumento de que tal mudança é impossível. Alimentam a idéia de que propostas de significativa mudança paradigmática na educação não passam de utopia e que, se tal mudança fosse tão necessária quanto afirmam os teóricos por que não houve sucesso? A questão é que, em função dos acontecimentos atuais, o sistema vigente está à beira de entrar em colapso. O sentimento de insatisfação, não só dos educadores e pais, como também das crianças promovem uma impossibilidade de “salvar” a educação como a conhecemos.

O filósofo alemão Johann Friedrich Herbart é considerado o primeiro a abordar a pedagogia como ciência, de maneira sistemática e organizada, estabelecendo fins claros e métodos definidos. É pioneiro não somente por basear seus estudos a partir de teorias acerca do funcionamento da mente, mas por utilizar a Psicologia como eixo central na educação. Teve fortíssima influência sobre os estudos de Jean Piaget e Sigmund Freud.

Segundo Márcio Ferrari,(2004), Herbart apontava a formação moral como o principal objetivo da educação, relegando ao acúmulo de informações um lugar não tão privilegiado quanto atualmente. Considerava que a memória, os sentimentos e os desejos eram variações das representações mentais. Criou, portanto, uma teoria da

educação que se propõe a interferir diretamente nessas representações mentais com o fim de orientar a formação dos educandos.

Como ferramenta fundamental do processo educativo, o autor assinala a instrução que é o elemento central da educação, dividida em três procedimentos: o governo, a instrução educativa e a disciplina. Posteriormente, Johann F. Herbart sofreu inúmeras críticas, principalmente pelo caráter passivo dado processo de aprendizagem do aluno. Não havia a noção de diálogo, mas de simples recepção de informações e treinamento moral. John Dewey é apontado como principal crítico da doutrina herbartiana, com o advento da noção de escola ativa, no final do século XIX.

Apesar das análises e julgamentos acerca da Teoria de Herbart, ela teve enorme influência sobre as instituições de ensino do século XIX, tanta que ainda é possível identificá-las claramente na escola tradicional. O que é sensivelmente diferente entre essa abordagem e o que temos hoje são os objetivos a que se presta a educação. Herbart propunha uma “lapidação moral” através do controle e do repasse de informações, atualmente o que nos resta desse autor é o controle e o repasse de informações. A formação moral não é francamente encarada como papel da escola, à elas, moralidade e ética, são delegadas atividades eventuais e frívolas.

Não há, nesse estudo, a pretensão de se criar leis e ações normativas e morais. Nem mesmo estabelecer regras às escolas no sentido de um treinamento moral aos moldes de Herbart, mas de salientar uma preocupação menos “especializada”. Não havia um objetivo de traçar metas de desempenho para os alunos ou mesmo de necessariamente prepará-los para um mercado de trabalho competitivo e esmagador. Havia, apesar do método burocrático, o foco na formação do sujeito.

Friedrich Nietzsche ataca veementemente os objetivos educacionais das escolas alemãs de sua época. Condenava a cultura e os valores da modernidade como agentes da mediocridade e da barbárie, conservando os estudantes alienados das questões filosóficas e acerca da existência, alimentando, assim, uma concepção voltada para adequação, conformismo, integração e especialização do saber. Repudia os intelectuais da época, aos quais ele chama de “eruditos” que delineavam como objetivos educacionais a submissão e a conformidade, perfeitamente encaixados no contexto sócio – econômico. Rejeita, dessa forma, a cultura que se guia pelos parâmetros da política e da economia, que visa o preparo de profissionais, de técnicos adaptados às linhas de produção e para ocupação de cargos.

F. Nietzsche aborda essa perspectiva dos objetivos educacionais como utilitária, em função de seus fins econômicos e burocráticos. Aponta que a tendência excessiva ao aumento do número dos estabelecimentos educacionais na modernidade seria tão somente a exaltação dos valores modernos, cuja proposta incide sobre a criação de “homens comuns” os quais identificam a felicidade com as noções de utilidade e dinheiro e que são preparados para suprir as demandas mercadológicas.

“Em suma, segundo Nietzsche, a cultura não pode se reproduzir e crescer quando a educação está orientada para uma profissão, uma carreira, uma função, um cargo, quando é movida pelo ‘espírito utilitário’, quando é verificada através de exames obrigatórios e integradores, quando é extensiva e universalizada; mas esta é, no

entanto, a verdadeira face da cultura da modernidade tardiamente vivida na Alemanha, tal como ele via. Na verdade, a cultura autêntica exige antes e mais nada uma visão de conjunto que só pode ser fornecida pela filosofia.” (SOBRINHO, 2007. P 11.)

Obviamente, não parece sensato tomarmos as palavras de Nietzsche sem antes digerirmos e contextualizarmos. Mas não nos custará muito para perceber que, tanto os preceitos de Herbart quanto do filólogo são facilmente identificáveis nas nossas instituições educacionais contemporâneas, no caráter passivo dado ao aluno e nos objetivos utilitaristas e abandono das noções de formação filosófica, crítica e moral evoluídas.

Agravaremos a crítica de Nietzsche porque, a atualidade não permite que nos furtemos de observar as mudanças nas últimas décadas. Fatores de fundamental relevância para nossa sociedade devem ser considerados, como o advento dos computadores, da internet, o “mercado virtual”, a cultura da globalização e a necessidade de produção de profissionais que possam adaptar-se a parâmetros ao mesmo tempo engessados, por que globalmente idênticos, e flutuantes, já que o mercado, hoje, vive a pretensão de dar conta dos brasileiros, assim como dos japoneses, estadunidenses, franceses e haitianos. A cultura caminha para além da massificação proletária de Marx, destina-se para a massificação mundial. Para isso, esfacela completamente o solo dos valores humanos e os parâmetros específicos de cada cultura.

Como possível solução para os problemas da educação, Nietzsche propõe a reformulação dos objetivos, método, conteúdos e formas. Aponta que, em absoluto, os parâmetros que guiam a cultura não podem ter origem em estruturas burocráticas, mas obra de homens superiores, detentores de vasta cultura e maturidade. Rechaçando, dessa maneira, a educação que se propõe a corresponder às necessidades de mercado. Para o autor, os currículos escolares precisariam ser reformulados, baseando-se, por sua vez, na cultura clássica, abraçando amorosamente a filosofia e a arte.

As instituições de ensino objetivariam, enfim, a formação de homens superiores, cultos, através da razão e da reflexão, construtores de um futuro potente e elevados.

“A incumbência da educação é, então, fazer compreender, através da experiência pessoal dos estudantes e dos incentivos recebidos dos mestres cultivados, os grandes pensadores do passado, por que neles se encontram o saber e a experiência que fizeram e transformaram a cultura e deram a ela um estatuto mais elevado; pois a cultura autêntica não deve absolutamente ser confundida nem com a erudição nem com o jornalismo modernos, isto é, nem com a comodidade de uma disciplina especializada nem com a mediocridade de uma linguagem bárbara.”(Idem, 2007.p13.)

Nietzsche não desconsidera ou mesmo critica a possibilidade de existirem escolas técnicas, estas sim, responsáveis por corresponder às demandas do mercado. Ocupar-se-iam da preparação de profissionais, destinados a ocupar cargos e executar tarefas. Até por que, não podemos simplesmente desconsiderar a importância da manutenção econômica. O que está no alvo desse pensador seria a educação que como um todo mantém essa proposta. O repasse da cultura precisaria ganhar outro

status por que de indissociável importância para a formação de homens superiores, para Nietzsche, os principais responsáveis pelo destino da sociedade. Ele vai além, quando afirma que esses tais homens superiores deveriam, inclusive, ser responsáveis pelas principais decisões, deveriam estar no poder por que, possuidores de cultura e valores elevados, não se aproveitariam de sua posição.

A escola contemporânea se abstém do papel, cada vez mais exigido pela sociedade de construtora da cultura e dos valores, construtora de subjetividades. Prefere traçar metas academicistas e alienadas do contexto, ignorando a crescente necessidade social de uma visão planetariamente responsável (Morin, 2004) e a implicação moral e subjetiva dos processos de mudança sócio-econômico-culturais, cada vez mais velozes.

Raquel Guzzo, (2007), analisa a realidade da educação atual a partir da ótica do compromisso social. Parte do princípio de que o processo educacional como construtor da sociedade pode tomar diferentes caminhos, dependendo das concepções de homem e mundo. Ela caminha em seus textos de braços dados com Paulo Freire e afirma a vocação ontológica do homem e o seu desenvolvimento necessariamente dialógico, ou seja, relacional, diante de um outro.

Tomando como prerrogativa a idéia de que a educação só se dá em interação, porque o homem aprende a partir da manipulação do mundo, Guzzo extrapola os limites da escola e aponta uma séria preocupação acerca das formas de relação que vêm sendo construídas na contemporaneidade. Formas estas que explicitam uma tendência à “coisificação” do outro, bem como à mercantilização das relações em diferentes contextos.

Debruça –se sobre os valores, criados pela sociedade capitalista ocidental, que , segundo a autora, atravessam todas as relações sociais, a cultura e a educação como um todo.

“Não importa o que pensam ou sentem as pessoas que vivem este sistema. A civilização do dinheiro e do capital transforma tudo em mercadoria e neste contexto as relações se subvertem. A mercadoria se reveste de valor e a pessoa perde a importância – passa a ser considerada, somente na medida em que possui bens.”(GUZZO, 2007.p.18)

Guzzo se aproxima de Nietzsche quando afirma que a escola não pode simplesmente furtar –se desses aspectos da cultura, tanto menos desresponsabilizar –se acerca do mesmo. Tais valores refletem de maneira devastadora nas instituições educacionais, nas relações rígidas de poder entre professor e aluno, na exclusão de crianças (seja por uma questão física ou por não estar “na média” esperada pela escola), na valorização da competitividade e da individualidade. Apesar disso, acredita que a Educação pode tomar o papel de subversor dessa ordem, caso tome esse compromisso para si e passe a promover condições para novas formas relacionais, valorizando a convivência respeitosa, a generosidade, o trabalho em grupo. Um processo educativo que fosse não alienador, mas libertador do sujeito.

Libertador no sentido freiriano, ao qual se remete a autora, diz respeito ao sujeito capaz de compreender o contexto em que vive e que, sendo ativo e crítico, considera a responsabilidade de suas ações e, portanto, é capaz de tomar decisões de maneira consciente. Esse conceito é a chave mestra para pedagogia de Paulo Freire.

“A liberdade é concebida como o modo de ser o destino do Homem, mas por isso mesmo só pode ter sentido na história que os homens vivem”. (WEFFORT, 2008. cit Freire. p14) O respeito à liberdade dos educandos é princípio fundamental para possibilidade dos círculos de cultura – unidade de ensino que substitui a escola.

A Pedagogia da libertação subverte justamente um aspecto crucial do processo educativo: as metas, os objetivos. Onde se pretende chegar com determinada prática. Paulo Freire vai além da simples alfabetização, ensinar as pessoas a decodificarem as letras, frases ou mesmo conjugar verbos por que não entende a palavra destacada de seu sentido e do contexto a que ele remonta. A meta principal dos círculos de cultura seria propiciar que esses homens se reconheçam nas discussões, se apropriando desse saber, como formadores de cultura. O aprendizado é, em si, uma forma de tomada de consciência do real.

“Não seria, porém com essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra ‘milagrosamente’ esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades com que o educando ganhe a experiência do fazer, que desenvolveríamos no brasileiro a criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização.” (FREIRE, 2008.p.102).

Educação, para esse pedagogo, é mais do que acúmulo de informações, é um “que-fazer humano”. Portanto, diz respeito à relação, ao diálogo e pode ocorrer em contextos diversificados de convivência.

Guzzo, 2008, denuncia a precariedade das escolas públicas, especialmente nos níveis da Educação Infantil e Ensino Fundamental, não somente relativa à famigerada negligência política ou à falta de políticas públicas eficientes no sentido de dar condições para o sustento mínimo de um espaço educativo, mas inclusive à manutenção de um processo de dominação de classes e de opressão e alienação sobre as classes menos favorecidas.

As instituições públicas de ensino tomam uma postura alheia ao seu contexto, destacada do que a atravessa como realidade social. Torna – se não a possibilidade de uma espaço para fomentação, discussão e aprendizado, mas mero aparato político. Configura –se como uma escola apática, silenciosa, cética, “capenga” principalmente na sua capacidade de se reconhecer como um instrumento de transformação. É uma instituição apartada da comunidade a qual atende e que desconhece. Reproduz as relações de opressão das desigualdades sociais na relação professor – aluno e na classificação engessada dos bons (estudiosos, silenciosos, obedientes) e maus (subversivos, desleixados, indisciplinados) alunos.

A reprodução dessas relações pode ser claramente percebida quando analisamos as expectativas que os professores deitam sobre o alunado. O ponto de partida para avaliação e separação entre os “bons” e os maus” são valores da classe dominante.

“Crianças ‘limpinhas’, bem alimentadas, com o material escolar cuidado, lições de casa realizadas com sucesso, que facilmente obedecem a ordens, que se respeitam e os seus professores, que falam baixo de forma delicada, atenciosa e prestam atenção em tudo que a professora fala, que tem pais e mães disponíveis e amistosos, são

algumas das expectativas idealizadas para aqueles que estudam nas escolas públicas.” (GUZZO, 2008.p.21)

Quando compreendemos a educação como ferramenta revolucionária, partindo da transformação de seus paradigmas e da compreensão de mundo, encontramos uma prática amorosa de formação de sujeitos. Necessariamente nos referimos, portanto, á uma percepção comprometida, responsável e atenta do mundo. Que se propõe ao fortalecimento de ideais e conceitos para além do senso comum, de transformação valorativa.

Conclusão:

Por isso, a inalienável necessidade de questionarmos sobre o que nos baseamos para a fundamentação de nossa atuação, seja como psicólogos, professores, coordenadores, pedagogos, pais ou estudantes. O que se pretende promover aqui não é o simples repasse de informações, mas a promoção de novas questões, de um objetivo educacional que não se finda nos conteúdos acadêmicos, mas que extrapola as fronteiras lineares da ciência.

Consideramos que uma nova postura acerca da formação de sujeitos possa significar no esfacelamento das correntes sociais, que engessam os pobres no lugar dos alienados e impotentes. Pode desestabilizar o peso das expectativas comuns e ser transformação paradigmática.

A relativização crítica da verdade e do significado de poder e verdade partem de uma reformulação nas compreensões educacionais por que é na escola que a sociedade atual se gera, se transcende, se eterniza.

Referências Bibliográficas:

FERRARI, Márcio. J.F. Herbart. O primeiro a ver a Pedagogia como ciência. Escola, 2004.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 31º Ed.2008. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra.

GUZZO, Raquel S.L., LACERDA J., Fernando (orgs). Psicologia Social para América Latina: o resgate da psicologia da libertação.Campinas, SP. Ed. Alínea, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Escritos sobre Educação. 3º Ed; Tradução, apresentação e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Editora PUC – Rio, Rio de Janeiro; Editora Loyola: São Paulo, 2003.

PAPERT, Seymour. A Máquina das Crianças: repensando a escola na era da informática. Trad. Sandra Costa. 1994. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, RS.